

A memória viva dos mitos brasileiros

Nome - **Gabriela Šmaiclová**

Idade - **23 anos**

Nível de escolaridade - **4º ano de Filologia do Português**

Residência - **Žitná 27 Praha 1 110 00 Nové Mesto**

E-mail - **dabi@centrum.cz**

Contato telefônico - **00420 777 900 449**

Estabelecimento de Ensino - **Filozofická fakulta Univerzity Karlovy v Praze**

Tutor acadêmico - **Graziela Zanin Kronka**

Introdução

Qual é o Brasil dos brasileiros? O cartão postal contemporâneo do samba, do futebol e do carnaval não ofende a ninguém, até parece agradável aos que o recebem. Além disso, os estereótipos sempre nascem de fatos verdadeiros. Mas admitamos que é muito pouco para construir uma imagem de um povo. Poucas vezes existe acesso a informações inusitadas sobre o Brasil, pelo menos em língua tcheca. Estava a procura de algo que caracterizasse o Brasil e não fosse trivial. O que é que pode cobrir um país tão diverso, tão grande, mestiço de várias raízes culturais, de vários níveis de vida, de várias condições naturais e ambientais? A resposta pode residir no rico folclore e nos mitos do país. Alguns deles como o Saci-Pererê, a Cuca ou a Mula sem Cabeça unem aquilo que parece impossível de unir. Encontramos estes mitos espalhados pelo Brasil. De Norte a Sul do país as pessoas – que à primeira vista parecem não terem nada em comum, pois vivem de maneira diferente – porém quase todas conhecem esses mitos, tendo assim uma unidade comum, acreditando ou não na existência deles. É o Brasil que une essas diferenças todas debaixo do mesmo telhado. Logo, podemos dizer que esses mitos são o Brasil.

Este trabalho pretende, portanto, introduzir alguns dos mitos brasileiros mais conhecidos e difundidos pelo país com a intenção de conhecer mais sobre a cultura brasileira, enfocando os aspectos míticos, os quais ajudaram a construir as bases culturais do Brasil. Alguns modernistas brasileiros valorizaram o folclore buscando compreender o Brasil através das suas raízes e eternizaram esses estudos em suas obras.

1. Mito

O mito representa uma narrativa que envolve a criação, a compreensão e a descrição do mundo e da realidade. Sua maior característica é ser um relato de como o cosmos se constituiu, a natureza se formou, como os deuses apareceram e nasceram, qual a origem do homem, de um povo, de uma cultura, de uma filosofia, da vida e de uma forma ou sistema de conhecimento. “Seu sentido é dar uma visualização da imagem que se tem do mundo, justificada a partir da sua suposta origem. Através das mitologias o homem procura entender o seu lugar no mundo (...)”¹. O mito ajuda o ser humano a entender o mundo. O homem inventa histórias para criar uma imagem daquilo que não vê e para explicar aquilo que não entende e portanto receia. Nascido da imaginação do homem, reflete traços da realidade cotidiana, da história e da filosofia e outras esferas culturais.

O mito como narrativa foi primeiramente transmitido pela tradição oral. Logo, imaginamos as histórias contadas de geração em geração ganhando desta forma atributos novos, mas sempre preservando o seu sentido básico. O contador é geralmente representado por um velho ou velha, com o que o mito ganha também um ar de sabedoria e verdade sagrada. Assim o mito faz parte do folclore. Junto com o desenvolvimento da ciência e a valorização da racionalidade os mitos passam a perder a sua força até quase desaparecer. A maneira mais efetiva de preservá-los caminha pela literatura. Na verdade, toda a literatura tem o mito como a sua base. Os mitos perdem muito do seu sentido original quando viram literatura, pois nos livros ganham contornos agudos e sobretudo podem ser lidos em qualquer ambiente e qualquer tempo, furtados do contato pessoal, do contexto ambiental, e em grande parte de tensão e emoção. Mas, sobrevivem.²

¹ Rêgo, Frederico. *O Paraíso e as Viagens - A perspectiva histórico-filosófica da imagem simbólica do paraíso e as viagens náuticas na cultura portuguesa*. Tese de Mestrado de Filosofia em Portugal. Lisboa. 2006. pp. 10 - 11

² O próprio Brasil nasceu de um mito. A visão de paraíso levou os portugueses até as beiras dessa terra. Essa terra desconhecida, estranha, imensa e temida, reino da natureza, um solo fértil para proliferação dos mitos.

2. Folclore, mito e literatura brasileira

A materialização dos mitos existentes na tradição oral, no caso específico do Brasil, liga-se, sobretudo, com os pesquisadores e escritores brasileiros que começaram a produzir seus textos na primeira metade do século XX. Nos participantes do movimento modernista despertou interesse o folclore nacional existente fora dos centros urbanos, no interior do país e em áreas menos desenvolvidas. Autor de umas das maiores obras da literatura brasileira, Mário de Andrade, foi organizador de *Missão de Pesquisas Folclóricas* em 1938, cujos participantes percorreram 28 cidades em 145 dias dedicando às pesquisas, sobretudo a melodias e letras das músicas populares, gravando-as nas cassetes e, assim, salvando muito do espírito já quase desaparecido. A feliz idéia de mandar “pesquisadores que vão à casa recolher o que esse povo guarda”, não se contentando com a “teoria”, resgatou grande parte da herança musical dos estados da Paraíba, Pernambuco e Bahia. As pesquisas foram realizadas até nas regiões do país em que “nunca tinham visto um caminhão, quanto mais um aparelho que gravasse sons”³. Invenstigações desse gênero foram feitas também em outras áreas da cultura popular por outros interessados, entre os quais se destaca um grande personagem, o qual teve o papel principal na materialização da memória folclórica e mitológica brasileira.

Luís da Câmara Cascudo, amigo de Mário de Andrade, pertence à mesma geração. Graças à colheita sistemática de fontes do folclore brasileiro, hoje temos uma riqueza enorme de conhecimento sobre esse assunto. Pesquisador das manifestações culturais brasileiras, deixou uma extensa obra, inclusive o *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1952), imprescindível até aos dias de hoje, apesar de ter recebido várias críticas.⁴ O conjunto da obra de Luís da Câmara Cascudo é considerável em quantidade e qualidade: ele escreveu “31 livros e 9 plaquetas

³ Mariana Albanese. O Brasil mostrado aos brasileiros. In: *Brasil*. Almanaque de cultura popular. Novembro 2006. Gráfica Oceano, pp. 18 - 23

⁴ O maior crítico desta obra é provavelmente Antônio Houaiss, o autor do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

sobre o folclore brasileiro, em um total de 8.533 páginas. Ninguém no Brasil, nem antes, nem depois dele, realizou obra tão gigantesca com reconhecimento nacional e estrangeiro”.⁵

Além de Mário de Andrade e o seu projeto, e de Luís da Câmara Cascudo e sua obra, não podemos deixar de falar de uma grande figura da literatura brasileira, Monteiro Lobato, cujas pesquisas são refletidas principalmente na sua conhecida obra para crianças.⁶ O escritor formou uma outra maneira de mostrar o folclore para os brasileiros, uma maneira natural, pois a narrativa deve ser contada. Nos contos para crianças revela divertidamente traços da cultura popular, os quais os outros dois autores abordaram de maneira acadêmica e científica. Assim, consegue chegar a vários extratos sociais, desde o público infantil, passando por adultos com baixo nível cultural, até as pessoas mais intelectualizadas, facilmente recebendo o retorno do público.

Na verdade, Monteiro Lobato escrevia vários gêneros de literatura. Das obras não consideradas literatura infantil, mencionamos *O Urupês*. Passando de textos jornalísticos (foi diretor de Revista do Brasil) e inquéritos até respostas às cartas que recebia, reagia ao público e comunicava calorosamente com os que estavam ao seu redor.

Também foi precursor de algumas idéias muito interessantes no campo editorial. Ele dizia que “livro é sobremesa: tem que ser posto debaixo do nariz do freguês”. Com essa idéia em mente, ele passou a tratar os livros como produtos de consumo, com capas coloridas e atraentes e uma produção gráfica impecável. Criou uma política de distribuição que era novidade na época: vendedores autônomos e distribuidores espalhados por todo o país. Os seus sucessos editoriais deixou com um sócio e mudou-se para Nova Iorque por causa da nomeação ao

⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_da_C%C3%A2mara_Cascudo

⁶ Considero os três escritores e pesquisadores mencionados mais importantes no contexto do estudo, mas além deles existem muitos artistas que se dedicavam ou se dedicam a esse tema, ou o folclore aparece na sua obra de alguma maneira. Por exemplo Clarice Lispector que escreveu alguns livros para crianças onde trata dos mitos brasileiros.

posto de adido comercial feita pelo presidente Washington Luíz. Nos Estados Unidos, entusiasmou-se com o progresso material e tentava convencer o governo brasileiro a seguir o exemplo norte-americano. Viveu muitas decepções e colapsos econômicos e políticos no Brasil, foi aprisionado por enfrentar os seus adversários, pessoas poderosas cujos interesses podiam ser prejudicados pelas idéias revolucionárias de Lobato⁷. Definitivamente se dedicou a escrever literatura infantil, pois entendeu que a educação das crianças é o mais importante. Lobato, por eternizar os aspectos do espírito folclórico e mítico brasileiro, criou uma continuidade da memória viva.

O conjunto de histórias de um sítio do interior do Brasil, chamado *Sítio do Pica-Pau Amarelo* é até hoje a obra literária brasileira para crianças mais conhecida e adorada pelos brasileiros. É divertida, educativa⁸ e amada pelos pequenos e adultos brasileiros.

Seus contos infantis representavam no seu tempo a única literatura infantil nacional. Mas o que lhes divulgou mais de tudo, como já acontece no nosso mundo contemporâneo, foi a transformação de seus contos em 5 séries de TV. Trata-se da série *Sítio do Pica-Pau Amarelo* de bastante sucesso. A primeira série foi exibida na TV Tupi foi no período de 1952 a 1962; a segunda, na TV Cultura em 1964; a terceira na Rede Bandeirantes em 1967; a quarta na Rede Globo, de 1977 a 1986; e a quinta, também na Rede Globo, desde 2001 até os dias atuais.⁹ São gerações inteiras de brasileiros assistindo o programa infantil sobre aventuras das personagens num cotidiano brasileiro e no mundo de fantasia. A sedimentação dessas histórias na memória das crianças e dos jovens é indiscutível.

⁷ Monteiro Lobato defendia que o “tripé” para o progresso brasileiro seria: ferro, petróleo e estradas para escoar os produtos.

⁸ A combinação de aventuras das personagens com disciplinas escolares é reconhecível nos contos do Monteiro Lobato como é reconhecível já dos títulos dos livros (por exemplo *A gramática da Emília*).

⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Pica_Pau_Amarelo

As personagens principais dessa obra são Dona Benta, seus netos Narizinho e Pedrinho e a empregada Tia Nastácia. Esses personagens foram complementados por entidades criadas ou animadas pela imaginação das crianças na história: a boneca irreverente Emília e o aristocrático boneco de sabugo de milho Visconde de Sabugosa, o burro falante, o porco Rabicó, o rinoceronte Quindim, entre outros. A maior parte das aventuras se passa em outros lugares, num mundo de fantasia inventados pelas crianças, ou em histórias contadas por Dona Benta no começo da noite. A obra tem mérito fundamental na preservação de alguns mitos brasileiros na memória do povo, pois os mitos, como O Saci, a Cuca, a Mula sem cabeça ou o Boitatá fazem parte do enredo de algumas das histórias.

A própria transmissão da memória pelo ato de escrever em papel com fim de guardar o valoroso é retomada nos contos estudados. Por exemplo, a parte *Memórias da Emília* chama atenção precisamente para a importância da literatura em relação à palavra falada. Só pela literatura a memória se preserva do esquecimento.

O contrário disso funciona também. No Brasil, ainda há muitos lugares onde não existe acesso a nenhuma estrutura escolar nem meios de comunicação. Não se pode, portanto, contar com o contato das crianças com literatura, televisão ou rádio. Segundo pesquisas realizadas em 2005 no interior do Brasil¹⁰, até as crianças desses locais conhecem os mitos mencionados acima. A pesquisadora pediu para as crianças desenharem como imaginam os mitos e comparou os desenhos das crianças do meio rural com os das crianças do meio urbano, ou seja as que têm acesso à mídia e à literatura. Surpreendentemente, não encontrou quase nenhuma diferença. A explicação dessa conclusão pode atingir a esfera filosófica, psicológica e outras, mas do ponto de vista desse trabalho, falamos da literatura que (às vezes através das mídias) se retransmitiu

¹⁰ Investigação realizada por Inês da Silva, estudante de Mestrado em Estética da Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no interior de Pernambuco no ano de 2005 ainda não publicada. Texto inedito.

pela tradição oral e, assim, chegou até lugares que não tem acesso à literatura e aonde a narrativa e tradição oral tem poder decisivo.¹¹ Também pode se tratar de mitos que sobreviveram séculos sem mudar o seus significados e sem desaparecer, apesar da ausência dos livros ou da TV.

Nos próprios contos de Monteiro Lobato Pedrinho colhe histórias populares no sítio da avó dele e depois conta para os seus amigos da cidade. E a própria Dona Benta representa o elemento sábio que ora transmite as histórias para os netos porque esses não conseguem ler livros escritos em inglês, ora lê para eles porque é sempre mais divertido ficarem sentados em volta da avó. A tradição de ouvir e partilhar as histórias com os outros é muito forte no Brasil¹².

A fronteira entre oralidade e texto escrito é muito fina nos contos de *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Dona Benta, como narradora, faz resumos de histórias europeias, apropria-nas a realidade brasileira, utiliza gírias. E “reconta” por exemplo algumas histórias da mitologia grega (*O minotauro; Os doze trabalhos de Hercules*). Dona Benta é o elemento sábio (sabe falar línguas estrangeiras) e através dela Monteiro Lobato enriquece o mundo da fantasia infantil brasileira.

Parece paradoxal a situação de oralidade sendo representada dentro de um livro, além de a história contada ser tirada de outro. Entretanto, a presença de uma contadora de histórias dentro de uma obra escrita teria o objetivo de sugerir uma aproximação entre ambas as formas narrativas e, se a oralização de um texto escrito pode torná-lo mais

¹¹ Por exemplo no conto de Guimarães Rosa *Dão-lalalão* consegue-se perceber como isso acontece. As pessoas guardam e contam as histórias que ouviram nas mídias ou de uma outra pessoa. Também as pessoas que sabem ler lêem para as outras e as histórias vão sendo transmitidas de umas para outras. “Quem leu um conto aumenta um ponto”, diz um ditado brasileiro. Assim, as informações antes escritas ou passadas na mídia ganham os atributos da tradição oral.

¹² Podemos lembrar da popularidade das telenovelas, as quais são também “vivas” coletivamente.

interessante para a criança como receptora, a representação de uma situação de oralidade pode cativar o leitor. Dessa forma, Lobato mostra que o livro pode estar ao alcance de todos. E no caso da obra *Peter Pan* o autor ressalta a importância de Dona Benta como mediadora, pois, se não fosse lido, *Peter Pan* continuaria preso no livro e portanto desconhecido das personagens do Sítio e do leitor brasileiro.¹³

Em fim, os mitos típicos brasileiros se difundiram pelo país de todas essas maneiras mencionadas, mas antes de falar do Saci, que é o exemplo mais típico do mito brasileiro para mim, vamos fazer uma pequena abordagem de alguns personagens da mitologia brasileira.

3. Mitos brasileiros

O Brasil é um país que surgiu da mistura. Os brasileiros ao receber influências dos países estrangeiros apropriam-nas à realidade brasileira e criam assim uma cultura própria e original.¹⁴ Esse fato é reconhecível em todas as áreas da cultura brasileira. As misturas de raízes indígenas, européias (sobretudo latinas) e africanas permanecem na cozinha, na música, nos contos populares, nas danças, nas canções, nas religiões e crenças, na língua, no pensamento e no espírito, na mitologia, e também na própria fisionomia dos brasileiros. O sincretismo cultural do qual o Brasil nasceu é, portanto, típico desse país.

Os mitos obviamente também apresentam esses traços da mistura, sempre conservando a cultura original e mostrando a mestiçagem que ocorreu. Podemos dividir os mitos brasileiros em quatro grupos, de acordo com a origem: indígenas, caboclos, afro-brasileiros e mitos de origem européia. A maioria desses mitos surgiu no Brasil já na época colonial e sofreu várias mudanças durante os tempos.

¹³ Adriana Silene Vieira. *Peter Pan, uma leitura inglesa no sítio do Picapau Amarelo*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/>>

¹⁴ Um bom exemplo de descrição desse fenômeno se encontra na obra de alguns modernistas brasileiros, sobretudo no *Manifesto antropófago* de Oswald de Andrade, onde os brasileiros são comparados aos índios antropófagos - comendo os estrangeiros tiram deles o seu melhor. Escolhendo o melhor de todos os estrangeiros, modificam-se e criam uma entidade nova. Outras provas de que o Brasil está sendo criado de misturas das culturas podem ser encontradas em várias outras obras literárias (*Iracema* de José de Alencar, *Macunaíma* de Mário de Andrade etc.).

A base mais forte se encontra nos afro-brasileiros, pois os descendentes dos africanos preservam até hoje os costumes e tradições dos seus avós, com respeito e responsabilidade imensos. Contribuem para esse quadro as crenças populares e as religiões de origem africana, como o candomblé, praticados até hoje no Brasil. Inclusive os próprios Orixás - divindades do candomblé, como Yemanjá, Exú ou Ogum - são míticos. Provavelmente, todos os brasileiros conhecem o dia de Yemanjá, rainha do mar. No dia dois de fevereiro, lembram-se dela e levam flores para ela jogando-as no mar. Vários compositores da música brasileira, como por exemplo Dorival Caymmi, Caetano Veloso ou Jorge Ben, mencionam o dia dois de fevereiro nas suas músicas como dia de festa. Até no estrangeiro os brasileiros conservam o hábito e assim nesse dia é possível encontrar flores também nos rios e nas beiras do mar europeias.



*Yemanjá – divindade do Candomblé,
rainha do mar, representada por uma brasileira*

Dos mitos que chegaram ao Brasil por meio dos europeus se destaca a Cuca. Cuca é um fantasma informe, ente vago, ameaçador, que devora crianças. Sua aparência varia de lugar para lugar, mas a maioria das pessoas diz que ela tem a forma de uma velha e enrugada, corcunda, cabeleira branca, toda desgrenhada, com aspecto assustador. Amedronta as crianças

que se recusam a obedecer os pais na hora de dormir. Pode ser uma espécie de bruxa que sai de noite. Luíz da Câmara Cascudo define a Coca que aparece em Portugal e a Cuca como sinônimos de pavores ou de paponas insaciáveis.¹⁵ Muitas vezes encontramos essa entidade nas canções de ninar. A “ježibaba” ou “klekánice”, uma espécie de papão feminino em forma de velha feia com poderes de feiticeira aparece na **tradição** folclórica tcheca. Em alguns lugares no Brasil a Cuca é um velho, em outros, é parecida com um jacaré ou uma coruja. Existem muitas canções e versos sobre a Cuca. Luís da Câmara Cascudo, em *Geografia dos mitos do Brasil*, indica a seguinte cantiga, comum no Nordeste brasileiro:

Dorme, neném
Se não a cuca vem
Papai foi pra roça
Mamãe logo vem¹⁶

A cuca de Monteiro Lobato já é diferente: “É uma horrenda bruxa que mora numa caverna escura. Tem cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões. Velha como o tempo, dorme uma noite a cada sete anos. Quando fica brava, dá para ouvir o seu urro de raiva a 10 léguas de distância.”¹⁷ A Cuca lobatiana é até atingível e ultrapassável por seres humanos, perdendo, assim, muito da sua essência original: „Um dia ela raptou e encantou a Narizinho. Pedrinho, com ajuda do Saci, conseguiu o fio de cabelo de uma Iara e quebrou o encanto.”¹⁸

A imagem da Cuca modificou muito graças ao Monteiro Lobato, de velha feia virou uma bruxa que se parece mais ou menos assim:

¹⁵ Cascudo, Luís da Câmara. (2001) Dicionário do folclore brasileiro. Global Editora. pp. 167-169

¹⁶ A Cuca. <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/galeria/ca70009f.asp>

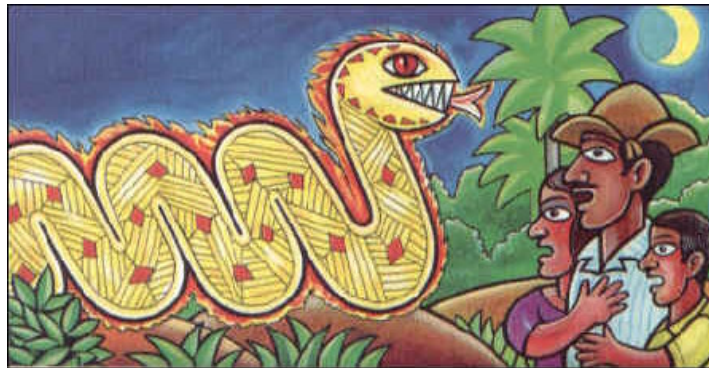
¹⁷ A Cuca. <http://www.projeto memoria.art.br/MonteiroLobato/sitiodopicapau/cuca.html>

¹⁸ A Cuca. <http://www.projeto memoria.art.br/MonteiroLobato/sitiodopicapau/cuca.html>



A Cuca lobatiana

No que diz respeito aos mitos de origem indígena, escolhi o Boitatá que também aparece na obra do Monteiro Lobato. Segundo o Dicionário de Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo, já o padre José de Anchieta, em 31 de maio de 1560, informava que havia também outros fantasmas nas praias, que viviam a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e eram chamados *baetatá*, que quer dizer *cousa de fogo*. “Não se vê outra coisa senão um facho cintilante correndo por ali; ataca rapidamente os índios e mata-os (...).” Mboitatá protege os campos contra aqueles que os incendiaram.¹⁹ Mboitatá significa *cobra-de-fogo*, na maioria das vezes é imaginada assim:



Boitatá- protetor dos campos

¹⁹ Cascudo, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Global Editora. São Paulo. 10. ed. 2001

4. O Saci-Pererê



O Saci

O Saci é o considerado a personagem folclórica mais conhecida no Brasil. Sua história remonta o universo mítico dos índios brasileiros. Com o passar do tempo o mito do Saci foi apropriado por negros africanos, por europeus e hoje em dia virou quase um símbolo nacional. O Saci é um menino negro de uma perna só que usa um gorro vermelho que lhe dá poderes mágicos, adora fumar cachimbo e vive dentro da mata sendo protetor e conhecedor das plantas medicinais. O comportamento irreverente é a marca registrada desse personagem folclórico. Muito divertido e brincalhão, o Saci passa todo o tempo aprontando travessuras na matas e nas casas. Assusta viajantes, esconde objetos domésticos, emite ruídos, assusta cavalos e bois no pasto etc. Apesar das brincadeiras, não pratica atitudes com o objetivo de prejudicar alguém ou de fazer o mal. Mas não foi sempre assim.

Nas lendas Tupis, o Saci é encontrado na forma de um pássaro. A palavra vem do tupi e tem dois sentidos, como nome de pássaro é onomatopeia, e também significa “entidade fantástica”²⁰. Segundo Houaiss, o pássaro Saci encontra-se por toda a América Latina, desde

²⁰ Houaiss, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001

México até Argentina. O som *sa-cim*, portanto ouve-se por todo o continente sul-americano. Segundo a lenda indígena brasileira da qual surgiu, havia dois irmãos que foram mortos por um tio que os odiava. Com a morte viraram duas aves – O Saci e o Matintaperera. Ambos nascidos de uma tragédia, só espalham desgraças e semeiam pavores. Contam que nos tempos coloniais, quando se avistava uma moça magra, triste, pálida, logo diziam: “isso é obra de Saci”, porque, segundo os velhos colonos, as moças se apaixonavam por ele, sendo a morte a consequência inevitável desta paixão.

Todo o Saci, como todo o diabo, tem horror de cruz. Assim se coloca no lugar do diabo cristão trazido pelos europeus. O seu gorro vermelho provavelmente também veio com os Portugueses que os usavam.

O Saci é considerado um fiel representante de um período social da história do Brasil: a época da escravidão. O Saci retrata o negro escravo em sua luta contra o dominador e o discriminador. A falta da perna não é só metáfora, mas sim algo que realmente acontecia nesta época e passou para o folclore a partir das amas negras, que contavam suas estórias para embalar os sonhos das crianças brancas.

Foi Monteiro Lobato em seu livro *O Saci* (1921), quem mais popularizou esse personagem, apresentando-o como uma entidade travessa. Conta-nos que ele nascia em um local da floresta conhecida como "sacizeiros", constituída de bambuzais. Desse local só sairia quando completasse 7 anos e viveria até os 77. Mas mesmo Lobato não conseguiu com sua obra apagar os traços estigmatizantes do Saci, pois a mentalidade da escravidão ainda era muito forte. Tais marcas só desaparecem mais tarde, quando a indústria cultural conseguiu “domesticar” o Saci e torná-lo somente um molequinho arteiro, que perdeu seus poderes mágicos e sua agressividade.

Na verdade *O Saci* é o primeiro livro publicado na coleção do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Além disso, no dia 25 de janeiro de 1917 Monteiro Lobato propôs a abertura de um inquérito sobre a existência do Saci-Pererê. Através do jornal *O Estado de São Paulo* pediu aos leitores que enviassem cartas contando suas experiências com o mito do Saci-Pererê. Esse material rendeu o livro *O Sacy-Pererê, resultado de um inquérito*.

O interesse pelo Saci se reflete também nas obras dos cartunistas Maurício de Sousa e Ziraldo. A fama de Ziraldo começou a vir nos anos 60, com o lançamento da primeira revista em quadrinhos brasileira feita por um só autor: *A Turma do Pererê*. A revista em que o Saci figura como a personagem principal é editada até hoje. Já Maurício de Sousa também representa em sua obra *A Turma da Mônica* alguns mitos brasileiros: dentre eles o Saci, sobretudo nas histórias do caipira Chico Bento em suas aventuras no campo onde vive. Mas o Saci é realmente mais conhecido graças ao já mencionado programa infantil da TV brasileira *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, onde é um dos personagens centrais das aventuras na mata, assim como a Cuca, que no seriado televisivo é prima dele. As ilustrações nos livros de Monteiro Lobato foram provavelmente as primeiras representações visuais do Saci. A partir delas se criou a forma do Saci que conhecemos hoje. Foi com Monteiro Lobato que o Saci deixou de ser um ser maléfico e passou a figurar como um moleque travesso com poderes mágicos.

A fascinação pelo Saci continua até hoje. Existem associações de pesquisadores de sacis, criadores de sacis que juram que já viram um saci.²¹ Segundo uma reportagem exibida no programa de Ana Maria Braga na Rede Globo - que faz parte do projeto "Brasil Total" idealizado por Hermano Vianna e Regina Casé - em Botucatu, interior do Estado de São Paulo, existem cerca de 60 casais de sacis. Uma médica, um advogado, professores universitários, os moradores de Botucatu, juram ter visto um saci. Nessa cidade há uma senhora de idade que diz ter sacis como companheiros. Segundo ela "o saci esfria cabeça, faz

²¹ As páginas da internet das associações: www.ancsaci.com.br; www.sosaci.com.br

bem pro coração, traz alegria”²². Assim, a figura demoníaca do Saci da tradição folclórica se transforma, em boa medida graças à literatura e à mídia, em um ser benéfico, brincalhão e inofensivo.

Hoje em dia encontramos o Saci nas músicas populares, onde pode apresentar até uma perspectiva educacional²³. No dia 08 de janeiro de 2006, o historiador e folclorista Carlos Carvalho Cavalheiro propôs a reabertura do Inquérito sobre o Saci-Pererê e sugeriu que as histórias sobre esse personagem fossem enviadas e publicadas (no molde do primeiro Inquérito) num só volume, no dia 25 de janeiro de 2007, quando o Inquérito sobre o Saci feito por Monteiro Lobato comemoraria 90 anos. Segundo algumas das respostas enviadas a esse propósito o Saci, por incrível que pareça, representa um protetor dos brasileiros contra a corrupção política do país, além de ser naturalmente presente nas cidades. O dia 31 de Outubro foi escolhido pela Associação de criadores de Saci para ser o dia do Saci numa reação ao Halloween americano. Trata-se de uma tentativa de preservar o folclore brasileiro contra as influências estrangeiras com o seu mais emblemático personagem, o Saci.²⁴ Podemos ver que o Saci já atravessou as fronteiras do mito e ganhou outros significados na cultura brasileira.

O Saci é um representante fiel da cultura brasileira. É um menino que nasceu de lenda indígena. Foi se transformando, diabolizando-se e angelizando-se. Contudo, resultou a

²² <http://br.youtube.com/watch?v=mmGfW5b>

²³ Na música de cantora popular brasileira Ivete Sangalo chamada Pererê se canta:

Pererê não gosta de fumar cigarro
Pererê não bebe quando sai de carro
Pererê não faz amor sem camisinha
Pererê não come nada sem farinha

²⁴ Essa “rebelião ambígua”, ou seja a aceitação do dia da festa norte-americana e ao mesmo tempo sua negação por substituí-lo por um dia de representante mítico do país, lembra-me de rebeldias criativas românticas e modernistas no Brasil, quando também foram aceitos os padrões estrangeiros, mas foram incorporados e transformados em própria construção cultural.

dominação da imagem potuguesa, e o Saci permaneceu negro. E até hoje ganha atributos novos, porque é presente na vida do povo.

Conclusão

As tentativas de encarar o Brasil como um país brincalhão, cheio de emoções, diversão e crime, quase lascivo, de riqueza da natureza e pobreza da gente, típicas da idéia que os “não brasileiros” fazem do país, possuem uma base facilmente explicável e de raízes fortes. É o Novo Mundo, o paraíso terrestre, a terra da riqueza abundante em qualquer sentido e ao mesmo tempo o inferno queimador cheio de pecados, nudez e pagãos. Mas essas imagens colocadas como estereótipos não esgotam a realidade brasileira. O presente texto procurou uma outra perspectiva que descrevesse o Brasil valorizando os seu aspectos tradicionais pouco conhecidos fora do país. Os mitos brasileiros ainda preservam sua força sendo um grande elemento para se compreender o país.

Em comparação com os mitos europeus, temos a impressão de que os mitos brasileiros são ainda vividos com muita intensidade. Há pessoas que acreditam neles, outras que se divertem com eles, outras têm medo deles e algumas vivem com eles. Para mim, o fato de ver a cultura brasileira pulsante e viva desperta-me ainda mais o interesse por conhecer esse país tão criativo.

BIBLIOGRAFIA:

ALBANESE, Mariana. O Brasil mostrado aos brasileiros. In: *Brasil*. Almanaque de cultura popular. Ed. Novembro, Gráfica Oceano, 2006

ANDRADE, Mário de. O Movimento Modernista. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Italiana, s/d. pp. 253 - 280

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: *O Direito a Literatura e outros ensaios*. Coimbra: Angelu Novus, 2004. pp. 83 – 111

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001

DONATO, Hernâni. *Děšt a jaguár*. Pohádky brazilských indiánu. Praha: Argo, 2007

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001

LOBATO, Monteiro. *As reinações de Narizinho*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1931

Poronominare. Mýty a legendy brazilských Indiánu. Liberec: Dauphin, 1995

RÊGO, Frederico. *O Paraíso e as Viagens - A perspectiva histórico-filosófica da imagem simbólica do paraíso e as viagens náuticas na cultura portuguesa*. Tese de Mestrado de Filosofia em Portugal. Lisboa. 2006

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*, 2^o.ed. , São Paulo: Cia das Letras , 1995

FONTES DA INTERNET:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/>

<http://ziraldo.com/livros/perere.htm>

<http://www.terrabrasileira.net/folclore/>

<http://sitededicas.uol.com.br/folk01.htm>

<http://www.brasilecola.com/folclore/>

<http://recreionline.abril.com.br>

<http://www.suapesquisa.com/musicacultura/saci-perere.htm>

<http://www.rosanevolpatto.trd.br/lendasaci1.htm>

<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br>

<http://www.overmundo.com.br/banco/saci-perere>

<http://www.cultura.gov.br>

<http://www.qdivertido.com.br/verfolclore>

<http://www.crearte.com.br/saci.htm>

<http://www.memoriaviva.com.br>

<http://espacoculturalcamaracascudo.blogspot.com>

http://www.vivabrazil.com/luis_da_camera_cascudo.htm

<http://www.vidaslusofonas.pt>

<http://www.editorabrasiliense.com.br/monteirolobato>

<http://www.monteirolobato.com.br>

<http://www.suapesquisa.com/biografias>

<http://sitioglobo.com>

<http://www.projetomemoria.art.br>

<http://pt.wikipedia.org>

<http://omundomagicodelobato.com>

[http:// www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br](http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br)

[http:// www.terrabrasileira.net/folclore/](http://www.terrabrasileira.net/folclore/)

[http:// Sitededicadas.uol.com.br/folk05.htm](http://Sitededicadas.uol.com.br/folk05.htm)

[http:// www.rosanevolpatto.trd.br](http://www.rosanevolpatto.trd.br)

[http:// www.qdivertido.com.br](http://www.qdivertido.com.br)

[http:// www.youtube.com](http://www.youtube.com)

VÍDEOS DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

O Picapau Amarelo - Vídeos 1, 2 e 3 - 1977

A Cuca vai pegar - Vídeos 1, 2 e 3 - 1977

João Faz de Conta - Vídeos 1, 2 e 3 - 1977

O Anjinho da Asa Quebrada - Vídeos 1 e 2 - 1977

Peninha, o Menino Invisível - Vídeo 1 - 1977

O Terrível Pássaro Roca - Vídeo 1 - 1977

Cupido Maluco - Vídeo 1 - 1978

A Raiz Milagrosa - Vídeo 1 - 1978

Os Piratas do Capitão Gancho - Vídeo 1 - 1978

O Minotauro - Vídeo 1 - 1978

A Reinação Atômica - Vídeo 1 - 1978

A Morte do Visconde - Vídeos 1e 2 - 1978

Memórias da Emília - Vídeos 1 e 2 - 1978

Quem Tem Boca Vai a Roma - Vídeo 1 - 1978

O Outro Lado da Lua - Vídeo 1 - 1978

Olhos de Retrós - Vídeo 1 - 1979

A Santa do Pau Oco - Vídeos 1e 2 - 1980

A Máscara do Futuro - Vídeo 1 - 1980

A Chave do Tamanho - Vídeo 1 - 1981

As Caçadas de Pedrinho - Vídeos 1e 2 - 1981

A Bela e a Fera - Vídeos 1e 2 - 1982

O Burro Falante - Vídeos 1e 2 - 1983

A Volta do Anjinho - Vídeos 1, 2 e 3 - 1984

A Trilha das Araras - Vídeos 1 e 2 - 1986

Pirlimpimpim - Vídeo 1, 2 e 3 - 1982

Programa Xuxa - Anos 90

Visões da Emília - Reportagem Anos 90

Sítio 20 Anos - Vídeo Show - 1997

Tv Ano 50 - 2000

Homenagem a Zilka Salaberry - Gente Inocente - 2001

Sítio do Picapau Amarelo - Vídeos 1e 2 - 2001

Chamada de Estréia do Programa - 2001

Isabelle Drumond Canta Lí Emi Ali Emília no Gente Inocente - 2001

Casseta e Planeta Urgente - 2001

Bastidores do programa 2007 - Vídeo Show
Sítio do Picapau Amarelo - 2007 – Vídeos 1, 2, 3 e 4
Filme O Saci - Vídeo 1 e 2 - 1951
Vídeo Mostrando a Casa do Sítio em 2007

Conteúdo

Introdução	2
1. O mito	3
2. Folclore, mito e a literatura brasileira	4
3. Mitos brasileiros	9
4. O Saci-Pererê	13
Conclusão	17
Bibliografia	18

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.